

# Reflexividades nas relações homoeróticas em Al Berto e João Gilberto Noll

## Reflexivities in homoerotic relations in Al Berto and João Gilberto Noll

PAULO CÉSAR SOUZA GARCIA\*

RESUMO: ESTE TEXTO VISA A ANALISAR OS ENVOLVIMENTOS HOMOERÓTICOS NAS OBRAS LITERÁRIAS DE AL BERTO E JOÃO GILBERTO NOLL, TENDO COMO PONTO DE PARTIDA A NOÇÃO DE REFLEXIVIDADE DO EU, DE ANTHONY GIDDENS. COMPREENDER COMO AS PERSONAGENS ATUAM, COMO FALAM COM O CORPO É IMPERATIVO PARA INTERPRETAR O SUPORTE DO DESENCAIXE, TERMO PRÓPRIO DE GIDDENS, AQUI ADOTADO PARA LER/VER AS IDENTIDADES ERRANTES. ASSIM, NOS ROMANCES LUNÁRIO E A FÚRIA DO CORPO, AS EXPERIÊNCIAS COM O HOMOEROTISMO PODEM SER TRATADAS COMO REFLEXIVIDADES DO CORPO NAS DESVINCULADAS RELAÇÕES DO EU.

ABSTRACT: THIS TEXT AIMS TO ANALYZE THE HOMOEROTIC RELATIONS IN AL BERTO'S AND JOÃO GILBERTO NOLL'S LITERARY WORKS, CHOOSING, AS A STARTING POINT, ANTHONY GIDDENS' NOTION OF SELF REFLEXIVITY. TO UNDERSTAND HOW THE CHARACTERS ACT, HOW THEY SPEAK WITH THEIR BODIES IS IMPERATIVE TO INTERPRET THE "SUPPORT OF THE UNDOCKING", A GIDDENS' CONCEPT ADOPTED HERE TO READ/SEE THESE WANDERING IDENTITIES. THUS, IN THE NOVELS LUNÁRIO AND A FÚRIA DO CORPO, SOME HOMOEROTIC EXPERIMENTS CAN BE CONSIDERED BODIES REFLEXIVITIES WITHIN THE DISCONNECTED SELF RELATIONS.

PALAVRAS-CHAVE: HOMOEROTISMO, NARRATIVAS DO EU, REFLEXIVIDADES DO CORPO.

KEYWORDS: HOMOEROTICISM, NARRATIVES OF THE SELF, BODY REFLEXIVITIES.

---

\* Doutor em Literatura (UFSC). Professor do Departamento de Educação - Núcleo de Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Campus II Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Os conflitos com a identidade do sujeito passam a germinar na contemporaneidade, à medida que a ordem social dirigida e coesa da modernidade cede lugar à reflexividade do eu, expressão utilizada por Giddens (2002), na qual o indivíduo é instado a romper com os modos tradicionais da vida cotidiana. Em comparação com as abordagens positivistas da sexualidade, por exemplo, passa a conferir sentido quando as relações subjetivas no tempo e no espaço são postadas em evidência, com significados contínuos que importam declarar as normas imputadas, a garantia biológica e as coerências históricas que determinam o modo de singularizar as experiências subjetivas.

Tomo o significado da palavra *disparatada* que, de acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1986), diz daquele que comete disparates, desvario, desatino, despropósito. Na origem do termo francês, conforme o seu uso em Foucault (1988), significa contrassenso, extravagância, ação ilógica ou estúpida. No dispositivo da sexualidade, a palavra é compreendida a partir do sentido da normalidade e associa a dissidência e o dissenso, de modo que o desligamento da norma relega o/a transgressor(a) a um sujeito despropositado.

O que pode a palavra *disparatada* significar dentro de uma estratégia de narrativas do eu na literatura que procuram saber de si, com as histórias movidas por premissas que negam a adoção de um ponto central de existência e do que diz respeito à identidade sexual? Dentro do que Foucault afirma, o sujeito é despropositado, relegado e provido de loucura, mas, por outro lado, repete, em algumas instâncias da onda heterossexista, as posturas que presentificam a natureza de relacionamentos heteronormativos.

Não há mais dúvidas de que os estudos gays e lésbicos, somente para citar estas categorias identitárias, desafiaram a cultura falocêntrica de base machista e heterossexista, visando metas que os encaixassem no seio de visibilidade e de autodeterminação de movimentos que oferecessem um melhor e maior foco de respeito ao desejo, ao corpo, ao amor, aos direitos entre os iguais. Portanto, o disparate pode adquirir um sentido a mais, como o da ação de ceder espaço para novas outras identidades sortidas pelos questionamentos pós-modernos diante das experiências e vivências móveis do sujeito.

Pensar esse plano de ação é ter à mostra a extravagância do próprio sentimento, que passa a ser cética em relação à estabilidade e experiência unificadas do indivíduo, dando feição e formato ao estranhamento com a realidade. Dito

de outro modo, a extravagância e a movência incorporam a desmontagem do eu, quem sabe, muito próximas do que Rimbaud afirma, “o eu é o outro”, encontrando, nessa peça histórica, outros formatos de encenação, ou melhor, formas de sair de um território de confiança irrefletida para pairar em outras descobertas de si. O *boom* da mutabilidade do eu é assinalado por suprimir a representação de vozes silenciosas, anteriormente pautadas por um universo de séries uniformizadas, para ampliar os papéis das significações binárias como as que pairam no espaço da heterossexualidade *versus* homossexualidade, conforme as práticas de ordens sociais disciplinantes explícitas. A respeito dessas ordens, Butler questiona, em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”, que a construção do gênero atua através de meios *excludentes*<sup>1</sup>. Em virtude de seu efeito naturalizado, as fissuras e fossos são abertos e podem, como afirma a autora, “ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma” (2000, p. 164-165).

Como artefato cultural, o texto literário dialoga com essas proposições teóricas, proporcionando interpretar as reflexividades do eu no que diz respeito aos envolvimento homoeróticos. Para esta leitura, analiso dois grandes autores da literatura de língua portuguesa da contemporaneidade, o escritor português Al Berto e o escritor brasileiro João Gilberto Noll. Com as leituras da obra *Lumário*, de Al Berto, e *A fúria do corpo*, de Noll, as narrativas do eu ganham dimensão, com os desordenamentos do tempo e do espaço dos personagens, tendo em vista os desencontros vivenciados.

De antemão, os desvios dos personagens masculinos nas cidades são amparados por um ponto reflexivo de si dadas as rupturas com o sistema social e com os traços individuais que descontextualizam a presença discursiva autoritária. Como atuam, como falam, como protagonizam e refletem os imperativos dos desejos homoeróticos, são questões que as leituras de Giddens podem empreender, ao visar às reflexividades do corpo na cultura da modernidade. Para o sociólogo, “[...] somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos” (2002, p. 74). Se o plano das reflexividades do eu e do corpo se mostra mais atento ao processo de despersonalização do indivíduo, é porque

---

1 Grifo da autora.

ele está imerso na onda da “vida líquida”, problematizada por Bauman, ou seja, o sujeito está fadado a condições de incertezas constantes. Assim, se as relações amorosas e homoeróticas são pautadas na versão perniciososa de competição, de interações, de exclusões, é porque existe indiferença existencial.

Isso pode ser reconhecido nos deslocamentos trilhados nas zonas urbanas pelos disparates vivenciados pelos personagens de Al Berto e de Noll. Ao mesmo tempo em que o ordinário da existência é visado, existe a imediata semelhança e diferença nas experiências oriundas dos desencontros interpessoais, reflexos girados em torno dos riscos de efetivar os encontros amorosos. Como um emaranhado de existências humanas, as escritas dos autores inovam e se renovam, trazendo a imagem do inapreensível, mais do que do transgressivo, dos laços feitos e desfeitos na imediatez do consumo do corpo. Portanto, as condutas homossexuais são reterritorializadas, já que, ainda, os sujeitos homoeróticos não se encontram no centro das referências, mas nos desvãos de um tempo atravessado por evasões, fugas, entrecruzamento de relações individuais, muitas vezes assépticas, como prevalece a experiência ontológica do personagem Beno, da obra *Lunário*, que se defronta com o medo difuso do parceiro em habitar o amor, decorrência da incerteza e dos fluxos intensos que afloram com a errância na cidade.

Para Giddens (2002), a identidade pode ser baseada na perspectiva de reflexividade, ou seja, pode amparar a trajetória da narrativa do eu como catalisadora do entrelaçamento de si e com o outro, com os modos de viver a relação tempo e espaço, tendo como parâmetro as relações serem classificadas como desencaixadas, sem lugar, cujo espaço se revela esvaziado, tornando-o fantasmagórico e desestabilizando o sujeito. Giddens argumenta que todos estão, de algum modo, conscientes da constituição reflexiva da atividade social moderna e das implicações disso na vida dos indivíduos. Cada indivíduo vive uma biografia reflexivamente organizada em termos de fluxo de informações sociais sobre possíveis modos de vida. “Como devo viver?” é a pergunta que lhe cabe situar e, acrescento, dentro desse contexto, “Como devo me envolver com o outro?” no seio pós-tradicional, termo apropriado por Giddens que abrange desde decisões do cotidiano até interpretações que se desdobram sobre o tempo da autoidentidade. Segundo o sociólogo, falar em modernidade significa dizer não só organizações, mas organização – o controle regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeter-

minadas. Por isso, ao falar de espaço-tempo, ele se reporta ao esvaziamento não somente de forma linear mas, também, à influência sobre o dinamismo da modernidade: o desencaixe das instituições sociais.

O que se quer dizer com desencaixe? A escolha da metáfora do desencaixe mostra o sentido de oposição ao conceito de “diferenciação”, adotado por alguns sociólogos como meio de contrastar sistemas sociais pré-modernos e modernos. A diferenciação envolve a imagem de uma progressiva separação de funções como, por exemplo, quando os modos de atividade organizados de maneira difusa em sociedades pré-modernas se tornam especializados e precisos com o advento da modernidade. Em consequência, o deslocamento é a palavra-chave que puxa o significado do desencaixe diante do aceleramento entre tempo e espaço trazido pela modernidade.

Do desencaixe, pode-se falar do sistema especializado que se estende às próprias relações sociais e às intimidades do eu. Confiança, segurança, risco e perigo existem em conjunções historicamente únicas nas condições da modernidade. Sendo assim, o envolvimento amoroso homoerótico perpassa a esfera das relações afetivas que solicitam investimento de tempo e riscos, pois eleger o outro com quem deseja firmar uma parceria amorosa duradoura e autêntica “não consiste em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro” (Morin, 2011, p. 30).

A base de interpretação da leitura de Giddens sobre a visão da identidade vai de encontro a uma fundamentação ética e a uma configuração efetiva de ação política. Portanto, a ruptura tempo-espço diz respeito ao modo como tratamos o conhecimento e a reflexividade e, por sua vez, está ligada ao fato de que o conhecimento sobre o modo como agimos e “toda a informação adquirida sobre nossas ações se reflete direta e imediatamente sobre os mesmos modos de agir, determinando-os” (Cunha, 2009, p. 30). Ou, ainda, em relação à confiança, segurança, risco e perigo atrelado ao sentimento afetivo e amoroso homoafetivos, gira em torno desse habitat a reflexividade do eu por meio da qual Bauman (2008, p. 15) argumenta sobre os medos, que “nos estimulam a assumir uma ação defensiva, saturando nossas rotinas cotidianas”.

Nas sociedades tradicionais pré-modernas, tempo e espaço eram administrados/vivenciados pelo indivíduo de modo a operar o sentido de lugar. Por sua vez, os deslocamentos no espaço, também eram monitorados pelo tem-

po e ambos se interligavam à comunidade, ao lugar em que cada um vivia e constituía seus laços de pertencimento (Cunha, 2009). Estar situado no lugar e nas inferências vivenciadas pelos indivíduos portava sempre uma relação de presença. Com o distanciamento entre tempo e espaço e a consequente separação entre espaço e lugar, cede o mecanismo de desencaixe, “retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais” (Giddens, 2002, p. 58). Assim, as interações passam a adquirir o formato de ausência, de compromissos sem rosto. Ausência e presença fazem parte de uma realidade em que as práticas de si entram no jogo da interferência, sem lugar definido e aparente, estabelecido e deslocado, pois o indivíduo se vê como em um lugar fantasmagórico, flutuando em um ponto sem ancoragem (Cunha, 2009, p. 31).

Daí, nesse processo imerso e rotativo de exclusão instantânea de lugares fixos, as relações afetivas homoeróticas temem locar a chama unificadora do amor. A figura do outro se torna um ser estranho. O medo do vazio da existência e a incapacidade de o homem lidar com o sentimento de perda e de desapego são algumas das motivações existenciais para a configuração do amor líquido, atrelado aí, também, ao dispositivo imposto a cada pessoa que se submete ao poder totalitário da vida moderna, ao consumo e à necessidade de gozar a todo custo (Bauman, 2004). Eis o porquê de a escrita literária de Al Berto, na visão crítica de Martelo trabalhar:

[...] sobre a errância e o anonimato na tentativa de construção de um lugar onde seja possível inscrever um nome [...].

É a escrita que procura constituir-se como um reduto de sobrevivência perante um efeito da dissolução da identidade que de algum modo lhe é exterior ou mesmo alheio (2001, p. 49; 44).

Dessa maneira, chama-me a atenção a reflexividade do eu e o desencaixe serem tratados no processo de revisão e de transformação do ambiente familiar, dos signos que representam os desencaixes dos contatos unilaterais e pontuais de convivência, ou melhor, dentro do que deduz Cunha:

[...] comprime-se no âmbito restrito da família nuclear e passa a ser regida internamente por novos tipos de vínculos e relacionamentos fundados na troca

e na igualdade entre as partes, subjugando o pátrio poder e destituindo a velha hierarquia alicerçada na figura do pai autoritário e exemplar (2009, p. 32).

Assim, Giddens identifica as relações por meio de um espaço vazio tornando-o fantasmagórico, porque a comunidade se apresenta como expressão local de influências sociais distantes, não visíveis e que podem ser não percebidas ou reconhecidas por seus membros, deixando, assim, de ser a materialização aparente da inserção do indivíduo no mundo, “um ambiente saturado de significados familiares” (Giddens, 1991, p. 27; Cunha, 2009, p. 32).

Portanto, o caráter reflexivo fortalece o âmbito da desestabilização da modernidade diante de saberes instáveis, ascendendo, assim, o dinamismo e a instabilidade e “incrementando a sensação de insegurança que o conhecimento, através da confiança, deveria neutralizar” (Giddens apud Cunha, 2009, p. 33). Isso mostra que o caráter da reflexividade do eu cotidiano e institucionalizado integra uma sociedade que rompe com os modos tradicionais da vida o que recai na pertinência crítica da cultura das identidades homoeróticas da atualidade, justamente por particularizar as experiências do indivíduo pela busca de reposicionamento de gênero e sexualidades.

O que é uma “pessoa comprometida no contexto de uma relação próxima?”, pergunta Giddens (2002, p. 90), que responde tratar-se de alguém que, reconhecidas as tensões intrínsecas a uma relação de forma moderna, ainda assim, está disposta a correr o risco e que aceita que as únicas recompensas serão aquelas inerentes à própria relação. O núcleo narrativo de obras literárias de Al Berto e de Noll apresenta histórias de viagem dos personagens masculinos que botam o pé na estrada e são motivados pelo poder do imaginário moderno que os instiga a procurar um outro lugar no mundo, uma alternativa de construir um projeto do eu, permitindo um horizonte diverso e multifacetado.

Cito uma passagem do romance *A fúria do corpo* (1981), de João Gilberto Noll, que circunscreve esse modo de viver diferenciável e demasiadamente fugaz:

Afrodite me abandonara pensando talvez que eu encontraria conforto de um amigo, quem sabe algum amigo de ginásio, talvez chamado Lourenço, mas o Lourenço não existe, jamais existiu, o Lourenço habita o limbo e não me ouve, mas a qualquer momento pode ser acionado porque não agüento, então entra o

Lourenço, vou visitar o Lourenço que não vejo a vinte anos e portanto é bom que eu vá só, qualquer outra pessoa iria dissolver o que ainda não foi reatado, não, só eu e ele, a qualquer sopro mais vigoroso o Lourenço se desmancha, faz tanto tempo, Lourenço no seu quarto, entre livros abertos de quem lê no inverno enfiado num cobertor, fala de Rimbaud, dos Césares e do povo, ó Lourenço como gostaria que você existisse, só hoje, assim, magro como eu, triste de tanto esperar pelo Messias de Bach (Haendel jamais, né Lourenço?), foi quando eu deveria estar contigo Lourenço que me veio à primeira insinuação da extrema fraqueza e a dor daninha pelo corpo todo, me masturbava violentamente no banheiro de um boteco... (Noll, 1997, p. 42-43).

A vida retratada se afirma na simulação e na corrosão de uma dada referência, dentro da perspectiva da lógica da representação, como pensa Baudrillard (1991, p. 86), que diz: “Depois da atitude de fascínio frente ao esvaziamento de sentido, como proceder em meio às aparências, se não seduzir, se deixar seduzir?”. O personagem do romance se apropria do imaginário para inventariar um espaço como força-motriz para falar de si, pondo o sexo a serviço da ordem do consumo do corpo, da incapacidade de desafiar o medo social e de se entregar ao amor. O artifício do tempo e do espaço fundado na base da imaginação se configura no respaldo dos desencaixes do eu, à deriva do pensamento, na difusão da experiência que não se adéqua à sociabilidade, sobressaindo uma narrativa que evoca a descontinuidade e o vertiginoso desejo de evocar o gozo atado a signos do corpo, também esse desgastado com a ausência de conjugação de si com o outro.

Para Baudrillard (1991), a sedução está para além da indiferença, está no estranho, no meio entre o igual e o diferente, ao mesmo tempo, dentro e fora de nós. A estratégia de um sujeito desreferencializado e descentrado em um mundo das aparências indefinidamente reversível tem interesse próprio, o ardor hedonista, quer dizer, provar do pedaço da carne, proporcionando liberar o prazer sexual com o parceiro. Isso reflete o ideal de consumismo potencial, o objeto de desejo em plena fantasmagoria e vida líquida. Nesse caso, a reflexividade do corpo não abdica de se vincular aos perfis das relações homoeróticas e das identidades amparadas por novos rumos e rotas. Em *A fúria do corpo*, a todo momento, o narrador cria uma ética da aparência, uma ética estética, ilustrando uma máscara social como crítica direcionada



aos riscos do desconhecido ou das desencontradas relações demasiadamente rápidas, postas nas margens, nas fugas e nos desencaixes da vida e, somente representada pela vitalidade sexual, do corpo em riste.

A fluência do imaginário do protagonista de Noll traz consigo marcas de discursos que promovem a inconstância, a fluidez de um tempo, na crista da modernidade líquida de Bauman e do significado do desencaixe de Giddens (2002). A imagem de Lourenço apontada pelo narrador do romance reconhece, no expoente atual, o peso da memória, ao enunciar parte dos fragmentos de si, sintomáticos da desordem do tempo e do esvaziamento do espaço. A adulteração da linguagem do dominante cede espaço ao diferente, convergindo para o avesso do lugar normatizado. Quero dizer, o lugar em que o protagonista imagina a presença do outro valida o poder para além dos afetos nomeados, rodeado pelo controle, pela disciplina. A massa consumidora do sexo entre homens é uma clara constatação da cultura masculina que manifesta que, “nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas” (Sennett, 2003, p. 167). A defesa de não se envolver amorosamente – e o máximo é engajar o corpo na zona fronteira do prazer – é um modo, também, de gerar a interrupção regrada do sistema heteronormativo.

A desconstrução das fronteiras permite captar a enunciação da identidade homoerótica no desencaixe, revendo os traços da matriz heterossexista. A partir das histórias narradas, tanto em Noll como em Al Berto, percebe-se o trânsito pelos espaços e tempos pós-modernos não somente para visar ao corpo/desejo/histórias de si como deslocados e desencontrados, mas para representar o marco da outra referência de sentidos para o sujeito. O personagem sem-nome da narrativa de Noll colabora para pensar as situações de fuga propostas por um olhar que adentra a experiência de si e que reflete um devir-minoritário (Deleuze; Parnet, 1998). O registro das perambulações, que se encontra, também, em *Lunário*, de Al Berto, traça a linha de extensão ao não domesticável.

Importa para esses dois autores a desterritorialização de lugares fixos para reterritorializar percursos mais fluentes, cujas escritas se deparam com a minoria que não se vê, não se escreve. As faces dos sujeitos são desenhadas não para reproduzir o real, mas para envergar a linguagem que produz as assimetrias, os desarranjos, a desautomatização da realidade. Assim, códigos, ideias,

signos operam para fazer falar o inominável. Por isso, o ato de diferir é proposital em uma escrita em que os gays<sup>2</sup> flertam com o lado de fora, nos instantes em que a linguagem difere de si mesma; ou seja, é a própria diferença da língua se desdobrando para recondicionar o sentido de outras figuras avessas ao simétrico, o condicionamento de vivenciar outras conquistas, daquilo que Baudrillard fala a respeito da sedução, no meio, no desreferencializado, no descentrado, na possibilidade do falar ser entremeado de fluxos que se encontram na cultura e refundar com as conjugações. Talvez, Martelo argumente aí a significância da escrita de Al Berto corresponder a uma desaceleração “que tenta responder aos efeitos dissolventes da velocidade sobre o sujeito que, escrevendo, procura essencialmente uma assinatura” (2001, p. 49).

A história de Beno, protagonista de *Lumário*, é tendenciosa ao devir em que, de um lado, existe a fissura diante de expressões perturbadas pelas linhas de fuga e, de outro lado, o amor bate à porta e a chama do corpo pede passagem. O medo do vazio da vida e o sentimento de perda rondam o personagem espreitado pelo amor que sente pelo parceiro Nému. Se é pela cisão que os personagens se aproximam do espaço literário, no território audível de *Lumário* e *A fúria do corpo*, brota o extraordinário, ou seja, a estranheza permuta com as superfícies marcadas e as cisões, amores e desejos entrelaçados. A autorreflexão do eu se mostra, no tecido de escrita, balizada nas mediações, nos conchavos, no choque com o desconhecido. As histórias do eu que permeiam a autorregulação também configuram o risco, a tirania dos regimes repressivos (Foucault, 1988), o medo, a sedução de um amor que não tem nome próprio, residindo uma ética estética ou um estilo de viver.

Uma outra cidade se levantava assim que o dia recolhia. Cidade de excessos e de abismos, de sangue e de música, de drogas e de sexo, de banalidades e de beleza. E de ternura e de paixão. Beno sempre vivera sozinho, ao deus-dará da noite e das cidades, um pouco por onde a sedução o retinha ou o jogo o levava. Ia consentindo que o fulgor do desejo se apagasse com o avançar da idade e da passagem dos corpos. Às vezes pensava

---

2 Enalteço o sentido da palavra gay como modo de romper com estigmas e com o poder de reversão frente ao que implicava a homossexual como ser patológico. O termo “alegre” assim designado formaliza relações mais livres, tentando criar uma cultura a partir das experiências sexuais na zona de escape do normativo e com o livre direito ao pertencimento a uma classe, a uma sociedade, construindo um modo de vida visível e menos essencializado.

que era semelhante ao sal depositado sobre os limos, pelo mar... apodrecia onde o deixassem permanecer quieto. [...], a sua maior fortuna era o próprio corpo, e tantas vezes o tratara mal, tantas vezes abusara dele. Recordava-se: fora-lhe muito difícil preservá-lo dos limites e do excesso sexual, e de fúria do sangue, donde nunca se regressa ileso (Al Berto, 1999, p. 43-49).

Entre a fúria do corpo, de sangue, de amores líquidos, a incursão pelo desconhecido é captada pela legibilidade do corpo em uma rede na qual produz a cartografia do desejo um traçado comum entre os diferentes processos de singularização, que é o devir diferencial. (Guattari; Rolnik, 2000). Um espaço que produz uma cartografia dinâmica do emaranhado de existências humanas é feito de escritas múltiplas e, aqui, especificamente, é marcado por um modo de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de simplesmente viver pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidades (Guattari; Rolnik, 2000, p. 47).

*Lumário* é nutrido pelas faces de Beno, ser múltiplo e complexo, corpo e desejo no fluxo da paixão, arriscando uma relação amorosa por Nému. É na cidade portuguesa que encontra um menino que deriva do seio urbano da metrópole, com suas mutações rápidas e ininterruptas típicas da imagem fugaz da realidade social (Simmel, 1967). O semblante do anônimo o atrai:

Beno pôs-se a olhar com minúcia e desejo para o rapaz nu. A pele branca, o cabelo caído para os olhos. O sexo em repouso, as mãos sobre o peito, as pernas. Outra vez o sexo, os pêlos, os braços e os ombros, a curva do pescoço, os cabelos, o rosto, os olhos fechados, a pele, a pelo... Beno não se cansava de olhar (Al Berto, 1999, p. 56).

O corpo impressiona, desperta e abre caminho para a paixão. Da estratégia de decifrar o mistério que ronda a vida do garoto, de saber mais sobre ele, Beno lhe dá um nome, Nému.

Talvez aí, aguçado pela entrega ao sentimento amoroso, tenta decifrar o lado anônimo e capturar o lado ilegível do amado. O investimento da leitura do texto permite codificar algumas pistas. O personagem sem-nome inicia uma jornada pelas vias urbanas portuguesas, registrando olhares nada uniformes em

torno dos gestos, comportamentos e condutas. Dada essa postura, não falar de si pode ser sentido como o desafio à historicidade reflexiva de um tempo de não ser monitorado pelos padrões disciplinares do sistema, o que pode supor o plano do eu distante da expressão do amor. Ele não responde a um tempo vivido da *durée* da vida social cotidiana. Nému liquida as referências individuais em nome de uma paixão por Beno, ou mais, ele exclui o particular, para além da ordem e da medida em uma carga ocular de invisibilidade da memória, processando, efetivamente, as pulsações ocultas, afetos, medos, desejos.

Nému se fragmenta, perdido com o choque das vivências da cidade moderna, com os elos comunais da tradição e esbarra com Beno, com quem a troca do olhar possibilita dispor do corpo, signo que, por excelência, é o lugar do amparo, do agenciamento do fluxo traçado na linha de fuga. Aí, a reflexividade do eu se associa à experiência de estar como um estranho e diferenciado no mundo. Assim, a disposição do corpo que espreita e cativa o olhar de Beno lhe serve de seguridade existencial, buscando conviver com a natureza móvel da autoidentidade.

A intimidade homoerótica para Nému pode ser uma forma de busca ou de tentativa de assegurar uma vida menos pontual, sem se incorporar aos sistemas maiores e estabelecidos. Ele compartilha do amor gay de Beno, tendo em vista a reflexividade do corpo, contribuição que visa contestar os estereótipos heterossexuais dominantes. Para Giddens, as características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter “aberto” da autoidentidade e a natureza reflexiva do corpo. Então, quem é Nému? Uma questão abordada por Beno. Como a personagem de *A fúria do corpo*, dialoga com o autor português, agenciando um corpo sem-nome, em se tratando dos imperativos homoeróticos, deslocados e tendenciosos. Pode-se questionar a existência da fenda do masculino, gay e branco em que a autorreflexão do corpo vem à tona atraindo os pares para fora de casa, nas excursões das identidades sexuais fora de lugar e que são sentidas nas ocorrências de perversão para os direitos de autoexpressão e da transmutação do amor, tendo em mente a emergência do inaudito da escrita, das reentrâncias que permitem a visibilidade do outro e de sujeitos diretamente voltados para as questões de reflexividade e de auto-identidade (1993, p. 41; 45).

Para Giddens, a experiência segregada, de acordo com o pensamento positivista, refere ao processo de ocultação que separa a rotina da vida ordinária

dos envolvimentoos vários do social, exemplo forte dos contatos homoeróticos. Longe de aprisionar a si mesmos, Beno e Nêmu não pagam tão alto o preço da repressão, mas da desidentidade. Dentro dos contextos social e cultural marcados, o narrador de *Lunário* traz para a rua a exposição do desejo homoerótico como lócus de enunciação frente às hipóteses repressivas (Foucault, 1988) que, no estilo moderno, não somente disseminam com propriedade o direito ao corpo, como procuram livrar o ato homossexual como culpa, transformando o que outrora era visto como vergonhoso, aberrante, imoral. Para Eduardo Pita, com Al Berto, a cena da escrita é brutalmente:

desviada dos campos de representação tradicional (classes possidentes lato sensu, aristocracia rural, meio artístico, profissões liberais, pequena burguesia urbana) para territórios de fronteira até então interditos – delinqüência juvenil e pessoal hippie ou aparentada –, todos irmanados sob o manto pouco diáfano da doutrina ou atitude – mais este do que aquela, dos *gender fuckers*. Ou seja, o homossexual como espécie (Pita, 2003, p. 18).

A cidade escrita por Al Berto é próxima da dramatização da pólis perversa, que perdeu o sentido fértil de com-vivências e de estar junto. Distante do signo que representa o legível, Beno não se deixa ver, ser visto, graças ao caos que predomina na babélica metrópole contemporânea, desorientada, diluída nas redes de relações descentradas que a engendram. Sem estabelecer ponto fixo, a fuga (de Beno) é apresentada por um planejamento decalcado por um traçado geométrico, convocando circular em lugares mais fluidos, pois a errância do personagem faz face à oposição deserto/cidade, orfandade/fluxos. Uma escrita que tece as diferenças sem acoplar centros de referências, mas que, no ato de perder, também, significa construir os lugares de encontros. Neste lado de fora é que Beno assiste à erotização nas cidades, passa a ler a si mesmo, tornando válida a experiência de *voyeur* em um espaço em que atrofia também a si na sustentabilidade do envolvimento homoerótico. Se cabe dizer que a autorreflexão do eu do personagem está interligado ao ato de se perder na metrópole, como meio de procurar a si, ele parece compartilhar com Benjamin, que conduz a imagem para além da ordem e da medida, e com Martelo que afirma, a respeito do espaço literário do autor situado por uma velocidade antropofágica, que:

[...] devora o contorno humano dos seres e dos lugares. Ficam os corpos sem nome, desabitados e sem habitação, errantes, quase sempre desencontrados em encontros demasiado rápidos, demasiado fugazes: ‘a nossa morada’ – escreve Al Berto – ‘é o speed engolido à pressa num asilo psiquiátrico’ (Martelo, 2001, p. 45).

Beno acompanha os companheiros da rua pela periferia da cidade, invadindo moradias luxuosas e algumas com aspecto de abandono. Lúcio e Gazel arrombam as casas, não com o intuito de roubar, porém para usufruir do espaço doméstico e expor a fornicação como arma, como protesto, ruptura com o inadmissível, expropriando a cultura marginalizante. O outro cabe numa cartografia do desejo sob o olhar de Beno:

Lúcio foi escorregando sobre Gazel, lambendo-o, cobrindo-o de beijos e de carícias. E quando ficaram um por cima do outro, Beno ouviu Gazel sussurrar a Lúcio. ‘Fode-me’. Gazel aproximou-se de Beno, agarrando-lhe no braço, disse: – Não somos ladrões. A única coisa que nos dá gozo é foder nas camas dos outros. Deixar sinais, percebes? Porque deve ser inquietante, quando regressam, descobrirem que alguém esteve ali, a foder... percebes? – Eu e o Gazel precisávamos de ti unicamente para nos olhares. É tudo (Al Berto, 1999, p. 29-30).

O código comunicativo do romance *Lunário*, apresentando as fases da lua em seus capítulos, assegura a possibilidade de reflexividade do sujeito, pois essa experiência “assume uma significado particular em relação à vida sexual” e tem “pouco a ver com os domínios existenciais com os quais o sexo em certo sentido nos põe em contato” (Giddens, 2002, p. 153). A experiência de quem fala no contexto civilizado urbano, no qual se aborda o vínculo com o sexual homoafetivo, demarca o limite do eu e o do outro, ainda mais quando surge “no modo como as transformações do capitalismo são correlatas de mudanças nos modos de relacionamento afetivo instituído no corpo social” (Cunha, 2009, p. 103).

A leitura é convocada como lugar possível para ler/ver a alteridade como “exigência de inteligibilidade”, uma vez que a ficção de Al Berto e de Noll corrobora no movimento permanente de novos modos de relação consigo mesmo e com o outro. A articulação do inteligível se materializa entre o saber e o poder, demarcando aí as fronteiras identitárias, avessas ao domínio, ao

“controle e previsibilidade de si mesmo, do outro do mundo à nossa volta, desdobrando em hierarquização e violência” (Cunha, 2009, p. 100).

Sendo assim, o protagonista-narrador de *A fúria do corpo* se rebela contra a previsibilidade, colocando o conhecimento da subjetividade fundada pelo projeto de estranhamento do social e da inquietante intimidade com o outro. Esse primeiro romance de Noll, publicado em 1981, traz em seu título a matéria do corpo figurando o homem destituído de nome próprio e Afrodite, a quem dá nome e com ela transita nas ruas de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro.

O protagonista sem-nome se liga ao jeito malandro, trapaceando também com a língua, traíndo o próprio espaço, com seu sexo, a classe social, com os furtos do corpo, prostituindo-se, sitiando o bairro carioca, não para delimitar espaços somente, mas exceder em sua própria língua como estrangeiro (Deleuze; Parnet, 1998), usando da linguagem para proliferar a conjugação de outra coisa aludida ao desconhecido. A ficção se desenvolve em micro relatos dentro da própria narrativa e, a cada ponto da rede textual, se retoma outro deixado para trás, exercitando o devir-corpo na esteira de desregramento/descentramento.

O corpo é festejado na intensa ação e ficção, corpo e letra, entre conceito e as presenças. No horizonte de felicidade sexual, dados os encontros furtivos, espelha a possibilidade de autorrefletir sobre o amor. Numa das micronarrativas da história, envolve-se com um menino. O protagonista, sem saber como fora parar na enfermaria do INPS, conhece o garoto e relembra: “depois de ter se levantado de um banco de praça e eu era todo fraqueza, nem um passo, nada, não vi mais nada, [...] sem um único documento numa enfermaria do INPS” (Noll, 1997, p. 410). Aparentando dezessete anos, segundo as impressões do personagem-narrador, tinha levado golpes e estava em coma:

não acordava mais, só se debatia, se revolvia, se contorcia todo roxo, mas tinha uma bunda [...]. Um anjo desvalido, com as asas quebradas prematuramente, que resiste apenas porque de verdade nele mora um anjo; minha voz queria aliciá-lo a não morrer, fique, volte, porque meu coração te necessita, você será meu anjo, passarei tua roupa, te farei mingau, jogarei estrelinhas no teu sono e só te nutrirei do amor real como o gostar da tua bunda e adorá-la (Noll, 1997, p. 43-49).

Enrique Rojas enaltece que “é preciso construir uma nova pedagogia do amor, partindo de nós próprios e não do prazer sexual colocado à frente do amor” (Rojas, 1996, p. 50). O amor visto pelo personagem sinaliza, em primeiro plano, o desejo sexual, sendo este posto à frente, situado pela preferência em nutrir e adorar o corpo do outro. Os sinais da “liberdade individual” como “força motriz”, como se refere Silviano Santiago (2002), credita o lado traidor e trapaceiro, estando este motivado na configuração do amor líquido, como pensa Bauman (2004). Na lógica do consumo do gozo e da frívola experiência afetiva, as narrativas de Noll constroem pontos de desconexão com lugares em que o modelo e o eixo do centro se fincam no *logos e eros*. Aí, a desconstrução das séries binárias leva ao efeito de uma impossibilidade de inclusão e, “na lógica do sistema capitalista, sua ininteligibilidade” (Cunha, 2009, p. 104).

É a partir do contexto do inteligível que o espaço textual se torna objeto de análise, ao articular os atos de exclusão dentro de uma escrita que visa à categorização das identidades sexuais por intermédio do agenciamento do corpo. Se o conseqüente poder de silenciamento gerado na escrita do literário é pernicioso para ler/ver o outro, esse sentido é buscado como forma de corroer a apropriação da experiência circunscrita pelo domínio soberano. Daí, o problema central do romance de Noll beira o fato de desarmonizar o domesticável, passando pela desordem do familiar, a exemplo da cena do encontro vivenciada pelo protagonista e o menino. O traço diferencial da irredutibilidade dos desencontros desdobra o sujeito, livrando-o da normatização da linguagem (Butler, 2003).

Ainda sob a ótica de Butler (2003), o personagem se constitui no campo político, ao criticar a sua própria prática de inserção no interior de uma estrutura construída, tentando autorrefletir, desarmando as categorias de identidades que naturalizam e imobilizam. A enunciação de si girada sobre como dizer a verdade sobre si mesmo (Foucault, 1988) traduz o que pode ser dito e como ser dito para quem não ocupa um lugar central. O deslocamento dos personagens de Noll e Al Berto, portanto, é o fundamento para a reflexividade do eu, não como substância e essência, mas por uma onda do processo genealógico, quando se percebe, nas condutas de si, os focos de ruptura e de fragmentação com a realidade.

É nos espaços da cidade que se potencializa a vulnerabilidade em reação à atrofia da experiência, à recusa ao genuíno, à verdade única de si. Por este viés:



[...] a identidade como narrativa do eu fundada no reconhecimento de uma continuidade dentre passado, presente e futuro, pode ser tomada como negação dessa possibilidade genealógica e a reafirmação defensiva de uma metafísica que daria ao indivíduo a certeza não só de uma origem, mas de uma naturalidade e uma irredutibilidade que poderiam servir de garantia no confronto com a alteridade (Cunha, 2009, p. 109).

Em *Lunário*, Nému não nega o sentimento por Beno, porém, traz objeções que sedimentam a destotalização e desreferencialização do sentido ordinário do amor. A incerteza diante do futuro e a incapacidade de aceitar o desafio de efetivar o amor intensificam a onda da instantaneidade do prazer homossexual, cuja dispersão manifesta corrobora para pensar o ambiente na incerteza e no desaparego. Numa linha em que refunda o amor gay fora dos “estados de dominação” (Foucault, 1988; 2003), Nému deseja Beno enquanto prática de liberdade afetada pela relação homoerótica, numa vertente em que o amor é imputado como estranho, haja vista a despersonalização, e, por excelência, ele está imerso na vida líquida. Beno tem vínculos com o polo do sensível, essencialmente marca do feminino, mostrando o sentimento amoroso curvado na rede de domínios sob a tutela da palavra. Por outro lado, transita na zona fronteira, quando se debate com um exercício ascético, que se altera em razão de buscar saber quem é, ao visar ao outro, de saber de si com a pretensão de “dominar o outro”.

[...] Nému, nunca suspeitara de como quisera aprisioná-lo numa imagem que lhe sobrevivesse e de como sem dar por isso, acabara por erguer o seu próprio cativeiro. Teve, então, a certeza de que jamais conseguiria prendê-lo, porque Nému se dispersava constantemente por tudo, o que tocava. Reunir, reconstruir Nému, a partir das inúmeras coisas que, visivelmente, mostravam dele indelévels vestígios, seria um paciente trabalho de arqueólogo, um trabalho desumano, completamente absurdo. Nému dormia, nu, viajando pelo desmesurado espaço dalgum sonho onde, certamente, Beno fora excluído. E, por instantes, este sentiu ciúmes por não poder estar dentro do sonho de Nému. Beno viria a aprender que é muito mais difícil dormir com alguém, ser cúmplice desse abandono, dessa ausência a dois, do que fornicar. ‘Fornicar – pensava Beno –, fornicar-se com quem quer que seja, ou com quem seduzimos e desejamos. Mas

dormir, dormir é muito mais complicado, leva tempo até se perder o medo de entregar o corpo, assim... ao outro. E, a lassidão dos corpos abandonados aos segredos do sono um do outro... é bela!’ (AL BERTO, 1999, p. 59-61).

O envolvimento amoroso com Nému visa o direito ao corpo na reflexividade do eu, passível, no processo de aprendizagem seguido pelos rumores de amar, na legibilidade da cartografia do desejo permitida pela reterritorialização dos conceitos, do desencaixes das relações interpessoais. Não importa somente o ato de fornicar, mas refletir com o convívio dos eixos familiares tradicionais aquilo que Perlongher (1987, p. 157) refere quando define a paquera como “estratégia de procura de parceiro sexual, adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais”. E, para Rojas, é justamente a tergiversação de palavras, do sexo em detrimento do amor, que conduz a um consumo de sexo “que se afasta do sentido profundo do encontro amoroso. O parceiro nas relações sexuais não tem importância como pessoa, só existe como corpo” (1996, p. 50).

As “expectativas amorosas” de Beno estão ligadas à expectativa do apaziguamento do sofrimento pelo amor, uma vez que este é correntemente associado a uma força que impele o indivíduo a se transformar mediante um revigoramento proporcionado ao eu. No avesso dessa perspectiva, ele busca exercitar a si com a intensidade da relação, no ato da experimentação, restaurando o erotismo tomado por Platão. Ou, se quisermos, a reflexividade ainda pode ser vista como “válvula para o desvio” em seu ponto de resistência potencial, sendo a válvula de escape avessa à expressão da subjetividade atada à normatização ou controle externo. Atribui-se assim o estilo de uma nova forma de existência mediante a experiência com o corpo.

Na estratégia da prática da liberdade, fortalece-se as identidades que são defensivas e, ao mesmo tempo, excludentes, giradas pelo “ato colonizador de marginalidade” (Butler, 2003, p. 32). Spivak reitera o ato fundado em oposições binárias submetidas a determinado regime de conhecimento, estabelecendo, na sua enunciação, as margens e os limites possíveis para a interpretação da realidade, fixando posições do centro e da periferia e inviabilizando a produção de posições intermediárias, fazendo com que o conhecimento assumira um papel claramente hierarquizante (Spivak apud Cunha, 2009, p. 110).

Assim, *Lumário* fala dentro e fora das estruturas de poder, rompe com os

modos tradicionais da vida, desencaixando os eixos de saber unitário, visando a ascender assim ao dinamismo do devir-sujeito.

Beno inventou assim tantos rostos, tantas máscaras, como quantas cidades habitou ou atravessou. Instalava-se onde as cidades com seu cheiro a mar lho permitiam, e as pessoas falassem com ele o menos possível. Evitava que as cidades e seus habitantes se habituassem demasiado à sua presença, de dia para dia mais andrógina. Fugia, e sempre continuou a acreditar que a única maneira de continuar vivo e vigilante, é fugir. Cada fuga era preparada com paciência e minúcia. Perdia noites e noites traçando percursos complicados num mapa (ALBERTO, 1999, p. 20-21).

Criar um meio de fuga como uma estratégia de vigília, que não repita e se curve aos estereótipos da vida cabe na expressão de tendência, como aposta Deleuze (1988, p. 47): “a tendência é que é o sujeito, [...] à medida que ela é contrariada por outra tendência”. Dominado pelo perambular pelas cidades, com traços planejados, traz embutido a inquietante estranheza com o real, decompondo as imagens e subvertendo as ordens das armadilhas da identidade no jogo da desconstrução de sentido unívoco (Butler, 2003).

Afastava de si qualquer familiaridade com as cidades. Bastava que o reconhecessem num café, num bar, num banco de jardim, para que abandonasse esse lugar imediatamente. Vivia como um nómada. Tentava assim, em permanente perambulação, fugir aos perigos que a noite tece subtilmente, mas em vão. As aventuras mais inesperadas pareciam procurá-lo, colavam-se-lhe à pele como uma sarna, e ele deixava-se ir, incapaz de resistir à mínima sedução (ALBERTO, 1999, p. 22).

Estamos diante de personagens com tendências às forças locadas no tempo do desamparo, cujos heróis, vitimados de overdose, são inadaptáveis, marginais e rejeitados (Matos, 1989). Esse é o ambiente da escrita de Al Berto e de João Gilberto Noll que, também, desdobra a escrita diante da identidade materializada na experiência de inteligibilidade, que se configura, no fim das contas, como sujeição da racionalidade moderna (Cunha, 2009, p. 113) e consiste em rever o modo como a organização política, econômica e social carac-

teriza a modernidade, traduzindo o pensamento do indivíduo em lugares dispartados. Beno, portanto, representa a ilegibilidade da metrópole moderna, partindo para os agenciamentos do amor, do medo de amar, buscando compreender: “quem é?”. Nesta moldura textual, contraria a tendência que flerta com o corpo e o anúncio de si, oferecendo-se na linha da exceção, “no campo do processo da subjetivação, do código da inteligibilidade torna[ndo] o domínio no interior do qual o indivíduo pode, numa certa escrita ou enunciação de si, reconhecer a si como tal” (Cunha, 2009, p. 114). Ou seja, na euforia do encontro consigo e dos desencontros com o outro. Lugarinho remete ao argumento de Fernando Pinto do Amaral para afirmar o quanto o caráter literário de Al Berto triunfa pelo testemunhal e experiencial, numa escrita que comunica pela corporalidade e, com o leitor, de forma direta e sensorial, que, também, reflete a cisão entre os corpos Alberto e Al Berto. De acordo com Lugarinho (2004, p. 236), “este procedimento, aparentemente literário, deixa clara a intenção de levar seu leitor ao desnudamento de si, em que a escrita nada mais é do que a forma de interrupção de um fluxo de silêncios, em que o corpo fala através da poesia”.

Uma vez despertos, os personagens de Al Berto e de Noll são conduzidos a falar dos códigos do inteligível que, nos termos de Giddens, levam à reflexividade do eu, como se enunciam na relação consigo e com o outro, descrevendo e procurando fazer-se compreender (Cunha, 2009, p. 115). Com o raciocínio de Paul Federn (apud Cunha, 2009), penso que os romances *Lunário* e *A fúria do corpo* firmam a exigência de inteligibilidade, seja reveladora na demarcação das fronteiras, em que o tendencioso se projeta fora de si, seja na subversão radical do eu, da linguagem e do pensamento.

A enunciação do que pode e do que não pode ser compreendido no textual literário dos escritores se revitaliza nos tempos atuais, quando a categoria de gênero e os constructos gays questionam a matriz da inteligibilidade representada pela heterossexualidade compulsória (Butler, 2003, p. 39). Quem são os personagens de um discurso que causam estranheza, se situam à margem, contrariam tendências, se revelam anônimos e se designam nos fluxos, nas fissuras? O discurso de não pertencimento, destaque nas escritas, apresenta a imagem do irrepresentável, daqueles que estão fora-de-lugar ou no entre-lugar (Bhabha, 2001), com vozes que ecoam, deslegitimando a racionalidade de sentido hegemônico, atirando para o desvio e excrescência, para registros que veem e leem

o gay esvaziado de sentido. Não por acaso, os personagens de Al Berto e Noll produzem novos signos que servem para subverter tais conceitos.

Dessa forma, as singularidades das escritas acusam a alternativa de novas outras posições de expor o desejo homoerótico, não as apresentando como assujeitadas e circunscritas às exigências da inteligibilidade voltadas para a racionalidade estabelecida pela experiência moderna, cuja tarefa é mostrar a si a partir das amostras das estruturas normativas. As novas entradas com a alteridade ganham um perfil de sensibilidade operante, cruzando as fronteiras e permitindo conhecer o desconhecido. Assim, a diferença não é uma traça que se esconde no breu, e sim se faz compreender nos enigmas, postando o amor gay no entorno das reflexividades e dos desencaixes da existência.

### Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERTO, Al. *Lunário*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CUNHA, Eduardo Leal. *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Organização David Lepoujade; tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber: ditos e escritos IV*. In: MOTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa* 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LUGARINHO, Mário César. Homocultura e literatura: de volta ao “luso princípio queer”. In: LOPES, Denílson et al (Org.). *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004. p. 234-239.
- MARTELO, Rosa Maria. Corpo, velocidade e dissolução (de Herberto Helder a Al Berto). *Cadernos de Literatura Comparada* 3/4 – *Corpo e Identidades*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dez. 2001. p. 42-57.
- MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MORIN, Edgard. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- NOLL, João Gilberto. A fúria do corpo (1981). In: \_\_\_\_\_. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PITA, Eduardo. *Fractura: a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*. Coimbra: Ângelus Novus, 2003.
- ROJAS, Enrique. *O homem moderno*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otavio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.